

## 2024 – Um bom ano para o mundo mudar?

*É provável que a eleição de um Republicano – Trump, DeSantis ou outro – acelere a menorização das relações Estados Unidos-UE e que a Rússia se transforme num assunto exclusivamente europeu.*

**Jorge Botelho Moniz | Público | 25 de março de 2023**

2023 vai-se escrevendo. Continuaremos em guerra na Europa, viveremos sob ameaça nuclear e de crise financeira, pagaremos mais e teremos menos e uma das duas equipas mais abastadas do futebol português ganhará a Primeira Liga. Contudo não desanime, há sempre 2024!

**A Leste nada de novo?** Em março de 2024, Putin concorrerá a novas eleições e obterá o seu quinto mandato. Isso reforçará a sua posição e a sua narrativa de que o Ocidente, russofóbico, continua a cercar a Rússia ideológica e militarmente e que a Federação se tem de defender. Ao recordarmos que o apoio dos russos à guerra se tem mantido estável e que a taxa de aprovação do líder continua elevada, Putin terá em 2024 um ano de (re)legitimação da sua visão. Por seu turno, a China, saindo da política *covid-zero*, voltará a desenhar ativamente a sua ordem internacional alternativa, na qual a Rússia se vai tornando mais instrumental geopolítica e economicamente. Assim, ampliará a pressão no Indo-Pacífico, ocupará o vazio internacional deixado pelos EUA, projetar-se-á como o líder global ao nível diplomático e económico e fornecerá armamento à Rússia, enquanto apresenta planos de paz por todo o mundo. Ainda a Leste, um pequeno país europeu chamado Moldova tem eleições presidenciais em 2024. Com as vagas de protesto recentes no país e a desestabilização política, esta assumir-se-á como uma das maiores preocupações na fronteira externa da UE.

**Os EUA mudam, outra vez, em 2024?** Nos EUA, existem eleições presidenciais em novembro de 2024. Por um lado, Donald Trump lidera as sondagens do lado Republicano. Ron DeSantis, também um adepto das guerras culturais e sem uma visão clara sobre o conflito na Ucrânia, segue na vice-liderança. Por outro lado, Joe Biden bate recordes ao nível da sua presidência octogenária e da sua taxa de reprovação. Com o fim do *consenso sobre a globalização*, a política externa do país tenderá a mudar – os olhares virar-se-ão mais ainda para o Indo-Pacífico, ao invés de para a Europa. É provável que a eleição de um Republicano – Trump, DeSantis ou outro – acelere este processo de menorização das relações transatlânticas e que a Rússia se transforme num assunto exclusivamente europeu. Se juntarmos a isso o protecionismo económico circunstancial de Biden (*Inflation Reduction Act*) e o protecionismo ideológico de Trump e seus sucedâneos (a doutrina *America First*), a tensão EUA-UE tenderá a intensificar-se.

**Para onde vais Europa? E tu, UE?** O desgaste da guerra tenderá a acumular-se na opinião pública europeia. Além disso, continuaremos a experimentar uma inflação estrutural(?), desestabilização financeira, empobrecimento generalizado e contestação

social. Este é o terreno fértil dos extremismos e populismos. Para ajudar, a UE vive o maior escândalo de corrupção – *Qatargate* – desde 1999, contaminando o Parlamento Europeu e a Comissão. É com este pano de fundo que terão lugar, também em 2024, as eleições europeias. Com a descredibilização das instituições democráticas e o aumento de tom das narrativas eurocéticas, não será de estranhar que a bancada nacionalista antieuropeia venha a engrossar fileiras. Haverá ainda outro evento a agitar Bruxelas: a presidência húngara do Conselho da UE, na segunda metade de 2024. A Hungria, apontada como o *cavalo de Tróia da Rússia na UE*, que continua com milhares de milhões de euros suspensos por conta de violações repetidas ao Estado de direito, vai assumir a presidência rotativa da União. A Hungria que chantageia a UE com o recurso sistemático ao veto, empatando, também, a ratificação da adesão da Suécia à NATO, negociará, em nome do Conselho, a velocidade com que os dossiês legislativos avançarão. Viktor Orbán que, reiteradamente, fala da necessidade de se recuperar o poder das instituições de Bruxelas oferecerá, em 2024, um ano animado à União.

Haverá muito mais no horizonte e, aos dias de hoje, jamais saberemos se, realmente, o próximo ano mudará a política internacional estruturalmente. No entanto, uma coisa parece segura, 2024 parece ter condimentos para o mundo mudar outra vez. Estejamos atentos.

<https://www.publico.pt/2023/03/25/opiniao/opiniao/2024-bom-ano-mundo-mudar-2043765>